



A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES LÉSBICAS EM *AS TRAÇAS*, DE CASSANDRA RIOS¹

THE CONSTRUCTION OF LESBIAN IDENTITIES IN *AS TRAÇAS*, BY CASSANDRA RIOS

Juliana Moreira de Sousa²
Mônica Gama³

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar uma análise da construção das identidades lésbicas no romance *As traças*, de Cassandra Rios. O livro oferece acesso à produção cultural e artística de uma escritora que aborda a homoafetividade em algumas de suas diversas possibilidades, operando com formas distintas de apresentação e reconhecimento dessas identidades. Além disso, a narrativa pode ajudar a refletir sobre as vantagens e os problemas de se estabelecer uma categoria lésbica, principalmente para a literatura. A leitura do romance é empreendida sob a ótica dos estudos lésbicos e da crítica feminista, contando, sobretudo, com autoras como Monique Wittig (2019), Adrienne Rich (2010) e Tânia Navarro-Swain (1999, 2004).

Palavras-chave: Literatura Lésbica. Cassandra Rios. Teoria Lésbica. Censura. Resistência.

Abstract: This paper pretends to present an analysis of the construction of lesbians identities in the novel *As Traças*, by Cassandra Rios. The book offers access to the cultural and artistic production of a writer who approaches homoaffectivity in some of yours many possibilities, operating with distinct forms of apresentation e recognition of those identities. Moreover, the narrative can help to reflect about the advantages and problems of establishing a lesbian category, mainly in literature. The novel's reading is undertaken from the perspective of lesbian studies and feminist criticism, counting, mostly, with authors like Monique Wittig (2019), Adrienne Rich (2010) and Tânia Navarro-Swain (1999, 2004).

Keywords: Lesbian Literature. Cassandra Rios. Lesbian theory. Censure. Resistance.

¹ Artigo recebido em 30 de julho de 2019 e aceito para publicação em 08 de outubro de 2019.

² Mestranda em Estudos Literários na Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: julianasousamoreira@gmail.com.

³ Doutora em Literatura Brasileira pela USP. Docente de Teoria da Literatura da UFOP. Pós-doutorado pela Fundação Biblioteca Nacional. Vice-coordenadora do GT da Anpoll de Crítica Genética e diretora da Associação de Pesquisadores em Crítica Genética (APCG).

Cassandra Rios, escritora essencialmente de ficção, abordou temas polêmicos, entre eles o da sexualidade feminina, e agradou uma significativa parcela de leitores com seu estilo de escrita, sendo considerada, na época, uma autora de *best sellers*. Todavia, em razão da temática, “[...] provocou os guardiões da moral social. A igreja católica excomungou sua obra e esta foi sistematicamente processada em nome da moral e dos bons costumes” (LIMA, 2009, p. 243). A polêmica, em plena vigência da ditadura militar, residia sobretudo na temática sexual associada à presença da mulher lésbica como protagonista da maioria de suas obras.

Apesar de uma boa aceitação do público, Cassandra Rios sofreu com as portas fechadas da crítica literária e um silenciamento pautado, provavelmente, na lógica de que, independente da qualidade estética dos escritos de temática homoerótica feminina, esses textos já estariam qualificados como subliteratura apenas por seu tema:

Na tradição literária brasileira, não há ainda um reconhecimento, feito pela crítica, da existência de uma literatura de tradição lesbiana escrita por mulheres. Se há uma ausência de uma crítica literária sobre essa produção, podemos dizer que ela é conseqüente do tabu que cerca as relações homossexuais e da censura que coíbe as manifestações lesbianas na literatura brasileira. Escrever sobre literatura lesbiana ainda está associado, no Brasil, à qualificação do texto como subliteratura. (AZEVEDO, 2007, p. 3)

Além disso, Lúcia Facco e Maria Isabel de Castro Lima afirmam que os romances da escritora foram “[...] escritos sob os tacões homofóbicos da rígida censura militar, do desprezo da militância de esquerda e da repressão da sociedade patriarcal brasileira.” (FACCO; LIMA, 2004, p. 2).

Apesar de Cassandra Rios ser a assinatura mais conhecida, a autora afirma ter utilizado, na busca por ultrapassar a censura imposta aos seus livros, outros pseudônimos, sempre vinculados ao seu sobrenome, como Rivers, Storms, Fleuve e Rivier, que, segundo ela, por serem masculinos e internacionais, não sofriam com a proibição. Para Rios, não eram seus “[...] livros que estavam proibindo e sim a escritora que na época mais vendia. Tanto assim que esses romancinhos internacionais, gerados por uma grande revolta, igualmente escritos por mim, eram adquiridos sem nenhum problema.” (RIOS, 2000, p. 134).

Dentre muitos títulos lançados, entre os anos de 1975 e 1982⁴, Cassandra Rios publicou o romance *As traças*, uma das obras que sofreu censura no período de ditadura militar brasileira. O ano de seu lançamento é incerto, pois, assim como outros títulos, os problemas com a publicação de seus exemplares era frequente. Isso porque, em 1946, durante o governo do general Dutra, o Decreto nº 20.493 determinou a criação do Serviço de Censura de Diversões Públicas (SCDP)⁵, subordinado ao Departamento de Censura e Diversões Públicas (DCDP) da Polícia Federal. Esse órgão obedecia a diretrizes sobre a censura, especialmente sobre o material que contivesse ofensa ao decoro público ou que divulgasse e induzisse os maus costumes. Sob essas justificativas, tem-se a perseguição à publicação e circulação de muitos títulos de Cassandra Rios. A forma de resistir à censura e continuar escrevendo era possibilitada a partir da edição e impressão dos livros em editoras pequenas, sempre variadas, que forneciam poucos dados nas contracapas dos romances, sobretudo informações referentes ao ano de publicação e edição, o que dificulta o acesso às obras da autora e às suas fichas catalográficas.

As Traças aborda a homoafetividade em distintas formas de representação, a partir das quais pode-se refletir sobre o estabelecimento de uma categoria lésbica, uma vez que “falar de lesbianismo não é apenas escrever práticas ou elaborar definições; é sobretudo tentar observar como uma prática sexual se insere nas relações sociais, como é avaliada, julgada, [...] silenciada no desenrolar da História” (NAVARRO-SWAIN, 2004, p. 11). Dessa forma, a lesbianidade será tratada como uma identidade plural que sofreu e sofre modificações de acordo com o tempo e o espaço em que se apresenta, buscando compreender especificamente como ela se configura no romance em questão.

Para além de rejeição de um modelo compulsório de vida, a existência lésbica também inclui, como afirma Adrienne Rich, “[...] isolamento, ódio pessoal, colapso, alcoolismo, suicídio e violência entre mulheres” (RICH, 2010, p. 36); Rich (2010) alerta, ainda, que essa existência não pode ser romantizada, porque envolve sujeitos que estão em busca de uma vivência sem precedentes históricos, o que colabora

⁴ Essa imprecisão foi abordada de forma mais detalhada no artigo **Cassandra Rios e as reversões do desejo**, de Ana Gabriela Pereira e Paulo César García (2012). Disponível em: http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2012_1434225257.pdf. Acesso em 20 jun. 2019

⁵ Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1940-1949/decreto-20493-24-janeiro-1946-329043-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em 29 mar. 2019.

com a culpa, a autonegação e a dor, aspectos que podem ser identificados em *As Traças*. Certamente, não há compromisso da literatura com essa representação, e, logo, não se trata de um julgamento valorativo sobre a forma como isso ocorre no romance de Cassandra Rios, mas de um exercício de observar como essas relações se estabelecem no ponto de vista da ficção.

A literatura de Cassandra Rios, deixada à periferia pela história literária brasileira, é exemplar de um processo de resistência da literatura feminina no que diz respeito à ficcionalização de outras vias de circulação de afeto e percepção da sexualidade. Como aponta Laura Arnés (2018), as ficções lésbicas promovem uma reapropriação de zonas da cultura, diversificando-as, encontros que violam

as relações normativas com e entre os corpos sexuais e literários e, assim, constituem-se instantes nos quais modos diferenciados de partilha dos afetos dão lugar a outros corpos possíveis, sexuais e literários, a anomalias que decompõem o sentido comum. Há fragmentos, há contato e roçamentos, há palavras: os elementos apresentam (des)ordens possíveis. Corpos instáveis ou inesperados que colocam em suspenso hierarquias e normas, que colocam em questão tradições. Excessos, como diria Giorgi, do que constitui o socialmente legível e politicamente reconhecível. (ARNÉS, 2018, p.173)

Essas novas formas de partilha dos afetos colocam diversas categorias em questão; se a literatura erótica é, em geral, entendida como uma sublitteratura pela crítica, o erotismo e a sensibilidade lésbica propostos por uma autora durante o regime da ditadura militar brasileira vão ser considerados um excesso – ficção de mau gosto, por um lado, ficção não engajada, de outro. Essa dupla recusa coloca a autora em um também duplo espaço de resistência: escrita feminina sobre o desejo lésbico resistindo às normas de conduta heteronormativas e afirmação da autonomia do literário em um momento em que se deveria escolher um lado (literatura para consumo, ficção com intenso trabalho estético ou literatura engajada para a emancipação política). A literatura lésbica evidencia o fato de que as “ficções normativas não são mais que isso: ficções. E, desse modo, não apenas se reapropriam de zonas da cultura e a diversificam, mas também permitem pensar as potencialidades políticas

da linguagem (ou das linguagens) e dos gêneros (em todos os seus sentidos)” (ARNÉS, 2018, p. 173).

Existe uma identidade lésbica?

Antes que se possa tratar da forma como as mulheres lésbicas são representadas em um romance, é preciso que se pense sobre o que significa, afinal, essa existência para a qual estamos buscando representação. Ao se pensar em uma identidade lésbica, é importante não se deixar reduzir ao essencialismo que ocorre quando, normalmente, reivindica-se uma identidade. Isso porque, ao definir-se algo, necessariamente, impõem-se limites e demarca-se apenas uma forma de ser, mas o que, afinal, poderia ditar as regras para estabelecer esse perfil? Ainda melhor, é possível determiná-lo?

Para Tânia Navarro-Swain (2004), tratar de uma identidade lésbica é uma tarefa impossível, pois “[...] não há substância à qual se prender, não há um bloco hegemônico e monolítico de coerência, não existe um tipo de experiência única que possa tomar o lugar de um referencial estável, um protótipo.” (NAVARRO-SWAIN, 2004, p. 93). Dessa forma, as únicas afirmações que se poderiam fazer são de que esse conceito é fluido, transitório e, ainda, aponta apenas para o que já se foi, e não se é mais.

O problema desse argumento é que, a partir do momento em que não se firma uma identidade, abre-se espaço para um apagamento político dessa existência. As mulheres começaram a aparecer na História, com o feminismo, graças a uma reivindicação de seus lugares, tanto aqueles ocupados no passado quanto no presente, afirmando-se como uma categoria: ainda que não única e nem completamente delimitada, mas fundamental para lutar contra a política do esquecimento.

As questões tornam-se mais complicadas ao se pensar em uma teoria feminista mais radical, como a de Monique Wittig, que, em seu ensaio “Não se nasce mulher”, afirma que a lésbica destruiria “[...] o fato artificial (social) que classifica as mulheres como ‘um grupo natural.’” (WITTIG, 2019, p. 83). Nota-se que, antes de questionar a categorização de “lésbica”, a questão de ser mulher é colocada em jogo. Segundo a autora, “Não só não existe um grupo natural “mulheres” (nós lésbicas somos a prova viva disso), mas também como indivíduos nós questionamos ‘mulher’ que, para nós – como para Simone de Beauvoir – é apenas um mito.” (WITTIG, 2019, p. 83-84). Afirmar uma existência

lésbica é complicado porque ela pressupõe a naturalidade de uma divisão binária dos gêneros; é como se fosse necessário, antes, assumir que as categorias de “homem” e de “mulher” são naturais. O problema desse ponto de partida binário é que há a naturalização do fenômeno que expressa a opressão lésbica, tornando a mudança desse paradigma heteronormativo inatingível, dado que ele seria natural.

Antes de uma categoria “lésbica”, portanto, seria necessário que as mulheres compreendessem sua condição não enquanto natural, mas construída socialmente de modo opressivo e destrutivo. *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir (1980), foi importante nesse sentido, por demonstrar que “homem”/“mulher” são construções sociais – um grande avanço para os estudos feministas na época (1949) –, já que as categorias de gênero são descritas como elaborações políticas. Apesar disso, Beauvoir trata o lesbianismo como algo existencial e como o fracasso de uma sexualidade dita “normal”, lançando mão da norma da heterossexualidade para explicar um “tornar-se lésbica”.

Com essa noção de que as categorias são de ordem social e, portanto, política, e não biológica, tem-se o reforço da necessidade de uma identidade lésbica ser firmada. Não há luta, organização e, sobretudo, visibilidade, se não se tem uma identidade, pois ela é necessária como possibilidade para que pessoas se constituam historicamente enquanto sujeitos. Nesse sentido, especialmente em se tratando do lesbianismo, firmar e discutir essa identidade é ter consciência de uma opressão e “[...] é também toda a reavaliação conceitual do mundo social e sua total reorganização em novos conceitos.” (WITTIG, 2005, p. 39).

Adrienne Rich (2010) trabalha com a ideia da lesbianidade, mas prefere o termo *continuum lésbico*, ou *existência lésbica*, porque, de acordo com ela, a união desses conceitos “[...] pode incluir um conjunto – ao longo da vida de cada mulher e através da história – de experiências de identificação da mulher.” (RICH, 2010, p. 40), indo além, portanto, da ideia de que o lésbico está relacionado simplesmente à experiência sexual entre mulheres. Portanto, os termos abrangem a noção do ser lésbico para um modo de vida que não necessariamente está pautado nas relações sexuais.

Navarro-Swain (2014), Adrienne Rich (2010) e Monique Wittig (2019) concordam que “mulher” é uma categoria política, e não natural. Essa percepção pode ser sintetizada na afirmação de que “Mulher não é cada uma de nós, mas sim a formação política e ideológica que nega

‘mulheres’ (o produto de uma relação de exploração). ‘Mulher’ existe para nos confundir, para ocultar a realidade ‘mulheres’.” (WITTIG, 2019, p. 88). Ou seja, existe uma categorização que se mantém, porque atende aos interesses de uma sociedade patriarcal que esconde as pluralidades e subjetividades dos indivíduos.

A partir das pesquisas dessas autoras, é possível que se tenha ideia da necessidade de se colocar as lésbicas em discurso e, para tanto, é essencial nomeá-las. É certo que se precisa ter cuidado ao delimitar essa identidade e não se comprometer com esses limites pode ser mais confortável, mas não é eficiente. No romance de Cassandra Rios, a forma como a protagonista lida com a sua sexualidade é motim para os questionamentos dessas categorias, ao mesmo tempo em que parece reafirmar o anseio humano de possuir uma identidade à qual se possa filiar.

Com a leitura de *As Traças*, será possível perceber a necessidade de construção de uma nova ordem sobre a sexualidade, aquela em que se aceita a multiplicidade e se permite uma liberdade real para que se possa existir além dos conceitos que deveriam ser mutáveis e expansíveis, ao invés de limitantes. O romance nos apresenta um conteúdo que permite uma rica discussão sobre o *continuum lésbico* (RICH, 2010), sobretudo ao nos mostrar o quão restritivas são as categorias atuais para as mulheres.

O processo de construção das mulheres lésbicas em *As traças*

Em *As traças*, o narrador apresenta a história de Andréa, uma adolescente de 17 anos, filha de um médico, inserida em um contexto familiar considerado tradicional. Andréa é descrita nos moldes que se esperam de uma família da classe média alta brasileira na década de 1970: branca, estudante de uma escola particular, moradora de uma casa grande e confortável em um bom bairro, faz viagens em família, não apresenta preocupação com as questões financeiras, mora com os pais heterossexuais e com um irmão mais novo. Há, porém, algo que a coloca distante desses padrões logo no início do livro: a revelação de seu desejo por uma mulher, sua professora de História do novo colégio, Berenice, como pode-se observar no trecho:

Andréa percebeu a germinação da semente no chão virgem dos seus sonhos ainda não realizados. Uma semente oculta na profundidade do ser e que até então nenhum raio de sol atingira para atizar a vida, para fazê-la estender raízes, e agora o sorriso

daquela mulher aquecia-a para que se retorcesse na vibração pujante, para se abrir e brotar! (RIOS, 1981, p. 8)

Nota-se que o momento narrado é da ordem do susto, da surpresa; existe um desejo ao mesmo tempo em que há a não compreensão desse sentimento. Trata-se de um movimento que ajuda a escancarar a heterossexualidade compulsória⁶, já que a garota não compreende os sentimentos que experimenta:

O que estava sentindo perturbava-a [...], que emoção violenta transtornando tudo! Com que rapidez se apossara dela a presença daquela mulher. Era uma presença viva [...] precisava espantar aquela ansiedade, escapar daquele impulso que fazia suas mãos irrequietas. (RIOS, 1981, p. 53)

Ao longo do romance, o sentimento vai sendo apresentado como algo não natural e incompreensível, muito difícil de ser verbalizado, o contrário do que aconteceria caso o desejo se manifestasse por uma figura cis gênero masculina. Como aponta Adrienne Rich (2010), ao longo da história as mulheres são convencidas de que a orientação sexual direcionada ao sexo oposto é algo inevitável, ainda que isso se revele, em diversas situações, como opressivo e insatisfatório. Trata-se de uma heterossexualidade compulsória que parece defensável socialmente porque “a existência tem sido apagada da história ou catalogada como doença, em parte porque tem sido tratada como algo excepcional, mais do que intrínseco” (RICH, 2010, p. 35).

Parece ser exatamente por um desconhecimento de outras possibilidades de vivência das sexualidades, senão a compulsória, que a protagonista do livro tem dificuldade em acessar o que seria aquele sentimento que surgia pela nova professora. A consequência de lidar com algo que não foi naturalizado é uma enorme angústia. Além disso, existe, no livro, a sensação de que Andréa está se desviando de um percurso que já estaria pré-estabelecido a ela em relação à expectativa de seu nicho social no que tange ao âmbito afetivo, o que aumenta, ainda

⁶ Para este termo, utiliza-se o conceito de Tânia Navarro-Swain, que classifica a heterossexualidade compulsória como: “[...] um mecanismo regulador de práticas e definidor de papéis, restritos aos desenhos morfológicos e genitais, isto é, à correspondência exata entre *sexo biológico*/gênero social que o lesbianismo e a homossexualidade em geral desmentem.” (NAVARRO-SWAIN, 2004, p. 77).

mais, o sentimento de culpa da adolescente ao nutrir paixão por uma mulher.

Diante do desejo que é consciente, mas nem por isso compreendido, a protagonista busca maneiras de entender qual é esse processo que ela experimenta, o que passa pela construção de sua própria identidade: “a lésbica que está presa ‘no armário’, a ideia que está aprisionada por ideias prescritivas do que é ‘normal’ compartilha as dores das alternativas não alcançadas, das conexões rompidas, do acesso perdido à sua autodefinição de modo livre e poderosamente assumido.” (RICH, 2010, p. 41). De fato, a jovem não era capaz de se reconhecer: “Andréa estava distanciando-se. Suas vontades, suas ilusões, seus sonhos, estavam sendo escondidos e parecia que ela estava com medo de alguma coisa.” (RIOS, 1981, p. 63).

Na busca por tentar se compreender, Andréa procura em livros de seu pai, médico, explicações sobre a sexualidade. Como primeira resposta para seu interesse por outra mulher, ela encontra a doença. A homossexualidade nos livros técnicos de medicina era apontada como um desvio de comportamento, uma patologia; esse é o primeiro contato que a personagem teve como referente de sua possível realidade. Essa ciência sexual, extremamente moralizante, é capaz impor quais seriam as formas aceitáveis ou não da manifestação erótica. Houve uma invasão da ciência nos prazeres dos indivíduos – já massacrados pela religião – que classificou, descreveu e determinou as formas saudáveis ou doentes da prática sexual, o que resultaria em um movimento de repressão, de controle e de fiscalização dos corpos (FOUCAULT, 1988).

Apesar de Andréa ainda não ter certeza sobre sua orientação sexual, ela parece recusar a noção de homossexualidade, de forma genérica, instituída por essa ciência. A protagonista, enquanto alguém que não se compreende heterossexual, questiona as formas de definir a homossexualidade cristalizadas, investindo contra os mecanismos de representação estigmatizados e operando com outras possibilidades dessa representação.

Procurara em leituras explicações e não se contentara com nenhuma. Chegara a rir, como se fosse ela uma sumidade no estudo do visado problema do homossexualismo. Que absurdo supunham e tentavam inculcar para determinar a causa, mas seguramente, eram todas falhas. Estava ali, com sua inteligência e raciocínio capaz de provar que não se tratava absolutamente de

nenhum distúrbio, psicose, neurose, anomalias provenientes de traumas psicológico, complexos ou vícios adquiridos na infância. (RIOS, 1981, p. 76)

Quando Andréa questiona o processo de naturalização dos conceitos e das pessoas na cultura, percebemos um primeiro momento de rompimento com as identidades lésbicas que figuravam o imaginário social, pelo menos o predominante durante as décadas de 1970 e 1980 no ocidente. Esse é um ponto que suscita a reflexão sobre essas identidades, mas que não se sustenta no romance, porque, em um outro trecho, há um retorno à ideia de que havia algo não natural acontecendo: “Que fazer? Trocar a alma, a ideia, os impulsos imprevistos e naturais por outros forjados, calcados, condicionar-se a viver uma vida falsa de mentiras [...]” (RIOS, 1981, p. 67). Entender que há “impulsos imprevistos e naturais” coloca a discussão novamente no campo da biologia e mostra que, mais uma vez, a sexualidade será tratada não como uma construção social, mas como algo proveniente da natureza. Esse questionamento de si, de sua identidade e das formas como os discursos se relacionam com essa identidade, mostra como o romance oferece formas diversas de tratar e compreender a existência lésbica.

Afeto e reconhecimento

Para a protagonista, os primeiros passos da descoberta de sua homossexualidade foram árduos, como podemos perceber pela avaliação do narrador: “Há muito tempo pressentia que alguma coisa assim estava oculta dentro dela e que iria manifestar-se de modo que não pudesse mais negar o que sabia de si para si mesma.” (RIOS, 2005, p. 14). Dessa forma, buscar pessoas que partilhavam dessa mesma sexualidade se fez fundamental para a protagonista. Bárbara, personagem secundária e aluna da escola que Andréa frequentava, é a primeira mulher a dizer abertamente sobre a sua sexualidade: “A gente vê! Tá na cara! Não adianta esconder. E não pense que falo assim com todo mundo, não. Só com quem acho que posso. Não adianta esconder, quando a mulher é *entendida*, logo se percebe.” (RIOS, 2005, p. 42). Depois de uma breve negação por parte de Andréa e de sua não identificação com o conceito de *entendida*, tem-se a conclusão: “E veio-lhe, pela primeira vez, a ideia de fugir. De sumir no mundo à procura de gente igual. Bárbara tinha razão, eram iguais.” (RIOS, 2005, p. 73).

No romance, a identificação da protagonista com sua amiga Bárbara é momentânea e esbarra em diversas outras questões que a preocupam. Ela volta às suas conjecturas:

Qual seria o limite da sua resistência, do que seria capaz, de como viveria, qual sua coragem e o resultado dos seus atos. Ela frisara bem: queria viver. Viver como? Amando. Como? Quem? A uma semelhante. A uma mulher. Sentiu-se um ser misterioso. Alguém que teria de viver de mentira, de disfarces, de simulações, enganado a todos porque não queria enganar a si própria. Sabia que da maturação sexual dependeria seu desenvolvimento intelectual. Sendo uma homossexual, a que chegaria? (RIOS, 2005, p. 122)

Na tentativa de se encontrar representada em alguém ou em algum grupo, percebe-se uma busca incansável de Andréa por outras mulheres que, de alguma forma, aproximem-se mais do que ela acredita ser sua realidade naquele momento. De acordo com o narrador, ela “[...] preferia relacionar-se com gente homossexual, viver no seu verdadeiro ambiente, conhecer outras mulheres em igualdade de condições e discutir com elas o problema para elucidar melhor o determinismo.” (RIOS, 1981, p. 115).

Nessa procura, ela encontra diversas outras representações de mulheres lésbicas, entre elas aquela que seria o tipo mais caricato: identificado por um mimetismo das atitudes e maneiras consideradas masculinas. Quando adolescente tem seu primeiro contato com essas mulheres, reage: “Vamos embora, isso é o fim do mundo. Essas mulheres, assim vestidas, andando desse jeito, o que pensam? Que são homens? Aquela grandalhona parece chofer de caminhão. Meu Deus, será que não sabem ser lésbicas sem imitar homens?” (RIOS, 2005, p. 150). Mais uma vez, nota-se, a partir da reação da personagem, a negação de um modelo lésbico que figura o imaginário social. Há, ainda, a multiplicidade das possibilidades lésbicas representada por pessoas que partilham uma mesma orientação sexual, mas, nem por isso, identificam-se na forma como performam essa orientação.

Percebe-se, então, que a construção da narrativa sobre a autodescoberta de Andréa existe a partir da negação. Ela apenas tem alguma certeza sobre o que não é, com o que não se identifica ou aquilo que não gostaria de representar. A heterossexualidade cabia nesses contextos e, portanto, foi negada. Depois, houve a negação de um

modelo caricato e masculino da lésbica e, por fim, “Entre os heterossexuais, destacava os bissexuais com lástima [...]. Mas sentir-se essencialmente, genuinamente, homossexual era lindo, puro, normal. NORMAL. Ela pensava que a força da palavra sobressaía como em negrito em sua mente.” (RIOS, 2005, p. 83). Mas o que, afinal, seria esse *ser homossexual?*

Assumir o desejo por outra mulher foi uma importante descoberta da personagem em questão, mas não foi o suficiente para a compreensão das muitas perguntas que ela ainda possuía. A busca por encontrar um lugar em que ela pudesse figurar com menos desconforto continua até o fim do romance: “Andréa sofrera uma mudança que não poderia deixar de ser notada. Passava a maior parte do tempo [...] vasculhando livros à procura de explicações que nunca dizia o que era [...]. Na realidade, o que lhe interessava eram as palavras relacionadas a sexo.” (RIOS, 2005, p. 161).

As pesquisas, os lugares, as conversas com outras pessoas, nada disso foi o bastante para acalmar as inquietações de Andréa. Parecia que nenhuma informação ou categorização eram suficientes para que a personagem conseguisse compreender sua situação. Não encontrando um referente, ou explicações suficientes no mundo real,

Andréa recorreu ao calmante. Estranhou a reação. Ficou de olhos arregalados, deitada na cama, numa letargia esquisita. Parecia uma morta-viva. Pensamentos os mesmos, a mesma dor, só o corpo formigando na sensação de leve anestesia, o cérebro funcionando ativamente na angustiante tensão. Não estava fazendo efeito. Queria dormir, delirar, enlouquecer, judiar do corpo e apagar o espírito, deixar de ser ela própria para não sofrer tanto, mas era tudo ilusão, o psicotrópico não agia nela, não fazia efeito. (RIOS, 2005, p. 201)

Essa relação com os calmantes mimetiza uma necessidade do combate à angústia e permeia boa parte do romance. Em outra passagem, lê-se:

O laboratório estava às escuras, mas a porta estava apenas encostada [...]. Chegar até o armário foi fácil, mas estava trancado. Os vidros lá dentro, as mãos dela se contorcendo. Andréa sofria. Era uma angústia incrível, incompreensível e insuportável, ela mesma não conseguia entender porque estava assim desesperada. (RIOS, 1981, p. 271)

O romance termina com a certeza da protagonista sobre seu desejo e atração por mulheres, mas sem o seu reconhecimento nos diversos modelos lésbicos que figuraram a narrativa e que são representações do imaginário social. Esse vazio é representado pelo uso contínuo de medicamentos, o que provocou o vício, de forma que a vida da adolescente não podia mais ser encarada sem essa espécie de “escape”. A alternativa encontrada para suprir a falta de identificação com um grupo dentro dos diversos que descobriu compor o cenário lésbico estava fora de controle: no fim do romance, há algum tempo – não se sabe ao certo quanto –, Andréa se apresenta internada em um hospital após uma tentativa de suicídio por uso excessivo de comprimidos.

Considerações finais

De certa maneira, o que se vive hoje é a emergência de movimentos sexuais que, sensíveis a diversos assuntos, buscam, inclusive, por novas bases teóricas. Há um foco intelectual nos estudos sobre a sexualidade. Esse deslocamento do sistema sexual necessita de acompanhamento. Pensando sobre o tema através do romance, é possível ir ao encontro do argumento de Tânia Navarro-Swain de que o lesbianismo não pode constituir uma e apenas uma identidade, já que essa denominação não é senão

um conjunto de questões, de práticas diluídas no questionamento das categorias *mulher e gênero*. Reivindicar uma identidade lesbiana seria fazer parte de um contra-imaginário domesticado, e encontrar uma coerência identitária seria tão ilusório quanto uma coerência de gênero. (NAVARRO-SWAIN, 2000, p. 91)

Dessa forma, assim como apresenta Cassandra Rios com sua personagem Andréa, tentar traçar um perfil *da lésbica* ou *das lésbicas* é uma tarefa difícil, pois não existe uma categoria fixa à qual se prender, ou, conforme assume Navarro-Swain: “Não existe um tipo de experiência única que possa tomar o lugar de um referencial estável, de um protótipo e a busca por algo que parece não existir ou, pelo menos, não existir em fixidez é dolorosa e violenta” (NAVARRO-SWAIN, 2000, p. 93).

A noção de uma identidade é, portanto, insuficiente, mas não pode ser completamente descartada. Ou seja, é preciso que se opere com

a noção de multiplicidade, de incerteza, e, principalmente, de enfrentamento ao desconhecido a partir do momento em que se questionam as identidades há muito firmadas. Como exemplo, pode-se citar a rigidez de um pensamento para o qual a homossexualidade é de uma ordem biológica, ou, ainda, aquele que exige uma coerência entre uma orientação sexual e um estereótipo, principalmente em se tratando de mulheres lésbicas e de sua possível relação com a masculinidade, como pode-se observar em algumas passagens do romance em questão.

É importante dizer que, nesse sentido, as lésbicas têm sido “[...] historicamente destituídas de sua existência política através de sua ‘inclusão’ como versão feminina da homossexualidade masculina. Equacionar essa existência [...] por serem as duas estigmatizadas é o mesmo que apagar a realidade feminina mais uma vez” (RICH, 2010, p. 36). Não sem razão, é muito diferente o modo como a literatura homoerótica masculina se estabelece em relação à literatura de temática lésbica. Isso porque, segundo Mara Faury (1984), os homens homossexuais já estariam há muitos anos organizados para lançar as bases de uma estética literária que representaria o mundo homossexual, já as mulheres só começaram a aparecer como elemento ativo da sociedade com o movimento feminista. É no seio desse movimento que a mulher pode expressar-se, e é, por isso, impossível que se deixe de pensar estrategicamente em fomentar uma categoria lésbica.

Talvez a maior ameaça que representa a existência da homossexualidade feminina não esteja na forma como acontecem suas representações, de maneiras mais ou menos explícitas, mais ou menos estigmatizadas, mas no fato de, por si só, derrubar conceitos e regras tidos por muito tempo como verdades. A demonstração de que esses conceitos são frágeis, tecida a partir da aparição de múltiplas identidades lésbicas no romance *As Traças*, de Cassandra Rios, prova que a associação entre orientação sexual e performatividade é apenas um mecanismo instaurado politicamente com o fito de repercutir e solidificar a chamada heterossexualidade compulsória, cara às instituições tradicionais que negam a existência de múltiplas sexualidades constituídas socialmente.

Referências

AZEVEDO, Maria da Glória de Castro. Cassandra Rios – A transgressão na margem do rio. **Seminário da mulher**. Santa Catarina. 2007. Disponível em:

www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/MARIA%20DA%20GL%C3%93RIA%20DE%20CASTRO%20AZEVEDO.pdf. Acesso em 08 jan. 2019.

ARNÉS, Laura A. Ficções lésbicas: ponto de vista e contingências. **Criação e crítica**. São Paulo. Tradução de Vitor Borysow. n. 20, p. 169-191, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/145408/139447>. Acesso em 27. jun. 2019.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: A experiência vivida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BRASIL. Decreto n. 20.493, de 24 jan. 1946. **Aprova o Regulamento do Serviço de Censura de Diversões Públicas do Departamento Federal de Segurança Pública**. Brasília, DF, jan. 1946. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1940-1949/decreto-20493-24-janeiro-1946-329043-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em 29 mar. 2019.

FACCO, Lúcia; LIMA, Maria Isabel de Castro. Protagonistas lésbicas: a escrita de Cassandra Rios sob a censura dos anos de chumbo. **Labrys, estudos feministas**. p.2-6, agosto-dezembro de 2004. Disponível em: <http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys6/lesb/bau.htm>. Acesso em: 07 jan 2019.

FALQUET, Jules. Romper o tabu da heterossexualidade: contribuições da lesbianidade como movimento social e teoria política. **Cadernos de Crítica Feminista**. nº 5, v. VI, dez. 2012.

FAURY, Mara. **Uma flor para os malditos**: homossexualidade na literatura. Campinas: Papyrus, 1984.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

LIMA, Maria Isabel de Castro. **Cassandra, rios de lágrimas**: uma leitura crítica dos inter(ditos). 2009. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <http://www.tede.ufsc.br/teses/PLIT0356D.pdf>. Acesso em 15 dez. 2018.

NAVARRO-SWAIN, Tania. Feminismo e lesbianismo: a identidade em questão. **Cadernos Pagu**. Campinas, São Paulo. Universidade Estadual de Campinas, v. 12, p. 109-120, 1999.

NAVARRO-SWAIN, Tania. **O que é lesbianismo**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

PEREIRA, Ana Gabriela; GARCIA, Paulo César. Cassandra Rios e as reversões do desejo. **Anais...** Campina Grande. Associação Brasileira de Literatura Comparada, nº 13, 2012. Disponível em: http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2012_1434225257.pdf. Acesso em 29 jun. 2019.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas: estudos gays, gêneros e sexualidades**. Natal. n. 5, v. 4, p. 17-44, jan./jun. 2010.

RIOS, Cassandra. **As Traças**. Rio de Janeiro: Record, 1981.

RIOS, Cassandra. **Mezzamaro**: flores e cassis. São Paulo: Pétalas, 2000.

WITTIG, Monique. Não se nasce mulher. Trad. Léa Sússekind Viveiros de Castro In HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org.). **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 83-94.